

1. Sortelha

Em 1228, D. Sancho concedeu foral a Sortelha e mandou edificar o castelo. Este fez parte de um conjunto de fortificações que, de ambos os lados do rio Côa, protegiam a fronteira por aquele definida.

Com as conquistas feitas por D. Dinis na região e o subsequente Tratado de Alcanizes, em 1297, a fronteira afastou-se para leste, retirando importância estratégica a Sortelha. Apesar disso, D. Dinis e, mais tarde, D. Fernando ainda tiveram a preocupação de reforçar as suas defesas.

Apenas com D. Manuel (século XVI) voltou a Vila a beneficiar das atenções reais. Em 1510, o soberano deu-lhe um novo foral, tentando incentivar o seu repovoamento e desenvolvimento económico. A par disso, o castelo sofreu obras de beneficiação, como o atesta o brasão real ladeado pelas esferas armilares que se encontra sobre a sua porta. Outros vestígios desse período são o pelourinho e algumas casas com elementos arquitetónicos caraterísticos.

A distância em relação à fronteira e a relativa pobreza da zona fizeram com que fosse perdendo importância, até ser extinto o concelho, no século XIX, sendo integrado o seu território no concelho de Sabugal.

do Sabugal.

Em finais dos anos noventa, foi incluída no projeto das Aldeias Históricas, sendo alvo de um extenso trabalho de reabilitação do património arquitetónico.

O castelo encontra-se edificado sobre um rochedo do lado meridional da vila, um ponto elevado e de vertentes escarpadas, tornando mais fácil a sua defesa. No interior do recinto, podemos encontrar a torre de menagem, uma cisterna e uma Porta Falsa. Apenas parte do adarve subsiste, permitindo o acesso à varanda do juiz, balcão retangular sobre a Porta do Castelo, com diversas seteiras cruciformes.

A muralha cerca o antigo aglomerado urbano, com um traçado elíptico irregular e aproveitando alguns afloramentos rochosos. O acesso faz-se pelas várias portas existentes:

- Porta da Vila, a nascente, voltada para o arrabalde;
- Porta Nova da Vila, a poente. Do lado exterior, encontramos gravadas as medidas padrão da vara e do côvado em uso no anigo Concelho. Localizam-se aqui por ser junto a esta porta que se realizava o mercado;
- Porta Falsa, a Noroeste, ladeada pela Torre do Facho, de planta quadrangular.
- entre os antigos Paços do Concelho e o castelo, existe uma outra pequena porta.

2. Sabugal

Embora se encontrem vestígios da presença humana anterior à Idade Média, não há dados precisos sobre eventuais povoaamentos permanentes.

Em 1160, terá sido conquistado por D. Afonso Henriques, embora posteriormente os muçulmanos tenham feitos algumas incursões. Passando para o reino de Leão, cerca de 1190, D. Afonso IX de Leão criou o concelho do Sabugal e mandou erguer a sua muralha. Desta, ainda hoje podemos encontrar alguns troços – junto ao castelo e à Porta da Vila (única que subsiste). Circundando a antiga vila por sul e oeste,

podemos ainda detetar vestígios da muralha a servir de base para a edificação de diversas casas. Após a sua tomada, em 1296, D. Dinis mandou reforçar o castelo no ponto mais elevado da vila muralhada, com uma torre de menagem pentagonal, de cerca de 30 metros de altura.

No ano de 1509, Duarte d’ Armas passou por aqui, efetuando o desenho da vila, com o seu castelo. Esta tarefa foi-lhe atribuída por D. Manuel, no âmbito do levantamento das fortalezas da fronteira portuguesa. Este destinava-se a conhecer a realidade nacional do momento e apoiar a decisão sobre obras de reconstrução ou reforço a efetuar. Foi o caso do Sabugal, que teve obras nos muros e cerca.

Tendo o seu foral sido renovado por D. Manuel, este foi o único concelho que sobreviveu às reformas do século XIX, incorporando os territórios dos restantes – Alfaiates, Sortelha, Vila do Touro e Vilar Maior.

Ao longo dos tempos, o castelo foi perdendo importância militar, pela distância à fronteira e pelas novas exigências defensivas resultantes dos novos tipos de armamento usados. Apenas em 1811, pela última vez, teve um papel na história bélica, ao servir de apoio às tropas luso-britânicas que derrotaram Massena no Gravato, batalha que colocou o ponto final nas Invasões Francesas.

Como resultado do seu pouco interesse prático, foi transformado em cemitério, em 1846, o que implicou a demolição das construções existentes no seu interior. Apenas por volta de 1927, com a construção do novo cemitério, voltou a estar disponível para o público em geral, na sua qualidade de Monumento Nacional desde 1910. Entre 2003 e 2005, sofreu obras de recuperação e beneficiação, com a construção de um anfiteatro no seu interior.

A fortaleza tem forma trapezoidal, com quatro torres quadrangulares adossadas pelo exterior, tal como a torre de menagem de planta

pentagonal. Esta possui balcões com matacães e o seu acesso é feito pelo adarve. Sobre a porta de entrada, encontra-se o brasão de D. Manuel, atestando os trabalhos de reforço que tiveram podemos observar a cisterna e o acesso à torre de menagem, que se encontra adossada do lado da cintura leonesa de muralhas da vila. Subsistem, no interior do recinto, alguns vestígios de estruturas arquitetónicas, provavelmente correspondentes aos edifícios habitados pela guarnição.

3. Alfaiates

A origem da povoação não é conhecida com segurança, podendo o seu nome ser de origem árabe. Embora sem certezas, podemos associá-lo ao termo árabe *Al-haz* (muro, parede ou cerca).

Situada na margem direita do Côa, fez parte do reino leonês até finais do século XIII, sendo provável que fosse fortificada, pois constituía um dos pontos da primeira linha de defesa do território.

Com a conquista da região, por D. Dinis, passou a fazer parte do reino português.

D. Manuel mandou edificar uma nova fortaleza e uma cerca, em Alfaiates, projeto apenas (parcialmente) concretizado em 1641, com aproveitamento de muros e alcerces pré-existentis.

Brás Garcia Mascarenhas, governador desta Praça-forte, em 1641-1642, apresenta a primeira

descrição com algum pormenor das estruturas existentes e trabalhos feitos. Assim, o que hoje podemos encontrar são restos da fortaleza e cerca por ele edificadas / reconstruídas. No início do século XVIII houve ainda um novo projeto de modernização da fortificação, mas nada foi concretizado.

Durante as invasões francesas, em 1811, o castelo desempenhou um papel importante na defesa da zona fronteiriça. Posteriormente, também o concelho de Alfaiates foi extinto e o castelo transformado em cemitério.

Em 1986, foi objeto de algumas obras, aguardando-se, atualmente, a concretização de um projeto mais alargado de recuperação.

O castelo apresenta uma dupla cintura de muralhas, ambas de planta quadrangular. A interior apresenta duas torres quadrangulares, colocadas em vértices opostos, sendo a torre de menagem de maiores dimensões.

Na fachada principal, encontra-se o brasão real de D. Manuel, entre duas esferas armilares, tal como na janela existente na torre situada a SE. Devido ao grande número de construções posteriores adossadas à muralha, apenas na zona próxima da porta de entrada se pode ter uma visão do seu aspeto original.

4. Vilar Maior

Foi em 1139 que Vilar Maior foi conquistada aos mouros, pelo rei D. Afonso VII de Leão. Fez parte do reino de Leão até à sua integração definitiva no reino português, com a conquista por D. Dinis e assinatura do Tratado de Alcanizes, em 1297.

Recebeu cartas de povoamento dos reis D. Afonso IX e X de Leão. Além do castelo propriamente dito, a povoação seria rodeada, já no século XIII, por uma outra cintura de muralha.

Em 1296, D. Dinis concedeu-lhe carta de foral e reconstruiu o castelo, ou apenas a torre de reis que se interessaram pelo estado das suas muralhas, tendo recebido intervenções nos reinados de D. Fernando, D. João I e D. Manuel. Este rei renovou o foral da vila, em 1510. O seu castelo, tendo perdido importância militar, foi sendo progressivamente descuidado, com a consequente degradação.

Durante as invasões francesas, estando Vilar Maior no percurso das tropas napoleónicas, foi uma das muitas localidades pilhadas.

Com as reformas administrativas do século XIX, também o concelho de Vilar Maior foi extinto e integrado no do Sabugal.

A cidade lá tem um traçado oval irregular, com uma porta principal de acesso e uma porta falsa do lado oposto. Ao longo da muralha, existem diversas escadas de acesso ao adarve. No interior, podemos observar a cisterna e o acesso à torre de menagem, que se encontra adossada do lado exterior, junto a uma das portas. O interior da torre encontra-se destruído, apenas se podendo observar alguns vestígios de escadas e apoio de pavimentos. Na face exterior da torre, é visível o escudo português.

Do lado exterior da muralha, a Oeste, podem ver-se vestígios do arranque de uma barbacã (baixa), de datação baixo-medieval. Um pouco mais abaixo na encosta, junto ao Museu, encontramos vestígios da cerca defensiva, que rodeava as habitações da vila.

A muralha rodea el antiquo conglomerado urbano com um traçado elíptico irregular que aprovecha alguns afloramentos rochosos. El acceso es posible a través de las varias puertas existentes: Porta da Vila, al este, orientada hacia los suburbios; Porta Nova da Vila, al oeste. En la parte exterior, encontramos grabadas los patrones de medida de la vara y el côvado, empleados en el antiguo concejo. Su ubicación en esta puerta se debe a la proximidad del mercado;



Vilar Maior

5. Vila do Touro

Em 1220, Pedro Alvites, Mestre da Ordem do Templo, concedeu carta de foral à Vila do Touro. Entre as obrigações da população encontra-se a de construir o castelo.

A muralha, de contorno muito irregular, adapta-se à topografia do terreno, muito accidentado e com afloramentos rochosos. Nalguns pontos, preenche o espaço entre afloramentos. Possui uma única porta, a Sul: a Porta de São Gens.

No interior, apenas se deletam as fundações de um edifício de planta retangular, encostado ao pano de muralhas. Não há qualquer vestígio de torres. Muito provavelmente, a construção do castelo ficou inacabada, o que explicaria o seu estado arruinado.

Segundo as Inquirições de 1290, o castelo terá sido saqueado e destruído pelo concelho da Guarda, preocupado com a manutenção do seu ascendente na zona.

Em 1319, a Vila do Touro passou para a tutela da Ordem de Cristo. A Vila viu renovado o seu foral, por D. Manuel, em 1510.

Tal como as restantes vilas medievais, nas reformas administrativas do século XIX, foi extinto o concelho da Vila do Touro, sendo o seu território um dos que foram absorvidos pelo do Sabugal.

1. Sortelha

Em 1228, el Rey Sancho concedió fueros a Sortelha y ordenó edificar el castillo, el cual forma parte de un conjunto de fortificaciones que, a ambos lados del río Côa, protegían la frontera definida por éste.

Como consecuencia de las conquistas del Rey Dinis en la región y el subsiguiente Tratado de Alcañices, en 1297, la frontera se movió hacia el este, quitándole a Sortelha su importancia estratégica. A pesar de ello, el Rey Dinis, y posteriormente el Rey Fernando, tuvieron la preocupación de reforzar sus defensas.

La “Vila” tuvo que esperar hasta el reinado del Rey Manuel (siglo XV) para volver a recibir la atención real. En 1510, este soberano le concedió nuevos fueros, tratando de incentivar su repoblación y desarrollo económico. Al mismo tiempo, el castillo sufrió remodelaciones, como atestigua el blasón real ladeado por las esferas armilares que se encuentra sobre la puerta. Otros vestigios de ese periodo son la columna y algunas casas con elementos arquitectónicos característicos.

La distancia de la frontera y la relativa pobreza de la zona hicieron que perdiera importancia, hasta que finalmente el concejo fue extinguido en el siglo XIX y su territorio integrado en el concejo de Sabugal.

A fines de la década del ‘90, se la incluyó en el proyecto Aldeas Históricas y fue sometida a un extenso trabajo de rehabilitación del patrimonio arquitectónico.

El castillo se encuentra sobre un promontorio rocoso en la zona meridional del pueblo, un punto elevado y de laderas escarpadas, que facilitaban su defensa. En su interior podemos encontrar la torre principal, una cisterna y la Porta Falsa. Del adarve sólo se conserva una parte, con acceso al “balcón del juez”, una plataforma rectangular sobre la Puerta del castillo provista de matacanes y troneras. Se pueden también observar diversas saeteras cruciformes.

La muralha rodea el antiquo conglomerado urbano con un trazado elíptico irregular que aprovecha algunos afloramientos rochosos. El acceso es posible a través de las varias puertas existentes: Porta da Vila, al este, orientada hacia los suburbios;

Porta Nova da Vila, al oeste. En la parte exterior, encontramos grabadas los patrones de medida de la vara y el côvado, empleados en el antiguo concejo. Su ubicación en esta puerta se debe a la proximidad del mercado;

Porta Falsa, al noroeste, flanqueada por la Torre del Farol, de base cuadrangular; entre el antiguo Ayuntamiento y el castillo, existe otra pequeña puerta.

2. Sabugal

Si bien existen vestigios de presencia humana anterior a la Edad Media, no hay datos precisos sobre eventuales asentamientos permanentes.

En 1160, habría sido conquistada por el Rey Afonso Henriques, aunque más tarde los musulmanes hicieron algunas incursiones. Después de caer bajo el dominio del reino de León en 1190, Afonso IX de León creó el concejo de Sabugal y ordenó la construcción de la muralra, de la que aún hoy podemos encontrar algunos trozos – junto al castillo y a la Porta da Vila (la única que se ha conservado). Rodeando la ciudad antigua al sur y al oeste, se pueden todavía descubrir restos de la muralla que han servido de base para la edificación de diversas viviendas.

Después de conquistada por el Rey Dinis en 1296, reforzó por orden de éste el castillo en el punto más alto de la ciudad amurallada, con una torre pentagonal de aproximadamente 30 metros de altura. En 1509, Duarte d’Armas dibujó la ciudad y su castillo, según órdenes del Rey Manuel, que pretendía inventariar las fortalezas de la frontera portuguesa. Este catálogo procuraba conocer la realidad nacional del momento y decidir sobre la necesidad de reconstrucción o refuerzo. Fue éste el caso de Sabugal, cuyos muros y cerco fueron objeto de reparaciones.



Sabugal

Con sus fueros renovados por el Rey Manuel, éste fue el único concejo en sobrevivir a las reformas del siglo XIX, incorporando los territorios de los concejos aledaños: Alfaiates, Sortelha, Vila do Touro y Vilar Maior.

A través de los tiempos, el castillo fue perdiendo importancia militar, debido a su distancia de la frontera y a las nuevas exigencias defensivas por el apareamiento de nuevos tipos de armamento. Así, tuvo un papel en la historia bélica por última vez en 1811, cuando sirvió de apoyo a las tropas luso-británicas que derrotaron a Massena en la

batalla de Gravato, poniendo punto final a las Invasiones Francesas.

Como consecuencia de su escaso interés estratégico, fue transformado en cementerio en 1846, lo que resultó en la demolición de las construcciones interiores. Sin embargo, alrededor de 1927, con la construcción del nuevo cementerio, volvió a estar abierto al público general, ya como Monumento Nacional desde 1910.

Entre 2003 y 2005, fue sometido a obras de recuperación y mejoramiento, con la construcción de un anfiteatro en el interior.

La fortaleza tiene forma trapezoidal, con cuatro torres cuadrangulares adossadas por el exterior, tal como la torre principal de base pentagonal. Esta última tiene balcones con matacanes y el acceso se realiza por el adarve. Sobre la puerta de entrada se encuentra el blasón del Rey Manuel, testimonio de los trabajos de refuerzo realizados durante su reinado. El castillo integra parte del cordón leonés de murallas de la ciudad. En el interior del recinto, subsisten algunos vestigios de estructuras arquitectónicas, probablemente correspondientes a los edificios habitados por la guarnición.

3. Alfaiates

No se sabe fehacientemente el origen de esta población. Su nombre puede ser de origen árabe, dado que, aunque sin total certidumbre, se lo

puede asociar con el término árabe *Al-haz* (muro, pared o cerco).

Ubicada en la margen derecha del río Côa, formó parte del reino de León hasta fines del siglo XIII. Estaría probablemente fortificada, ya que se encontraba en la primera línea de defensa del territorio. Pasó a formar parte del reino de Portugal luego de que el Rey Dinis conquistara la región.

El Rey Manuel ordenó la edificación de una nueva fortificación y de una muralla en Alfaiates, un proyecto apenas, y parcialmente, concretado en 1641, con el aprovechamiento de muros y cimientos preexistentes.

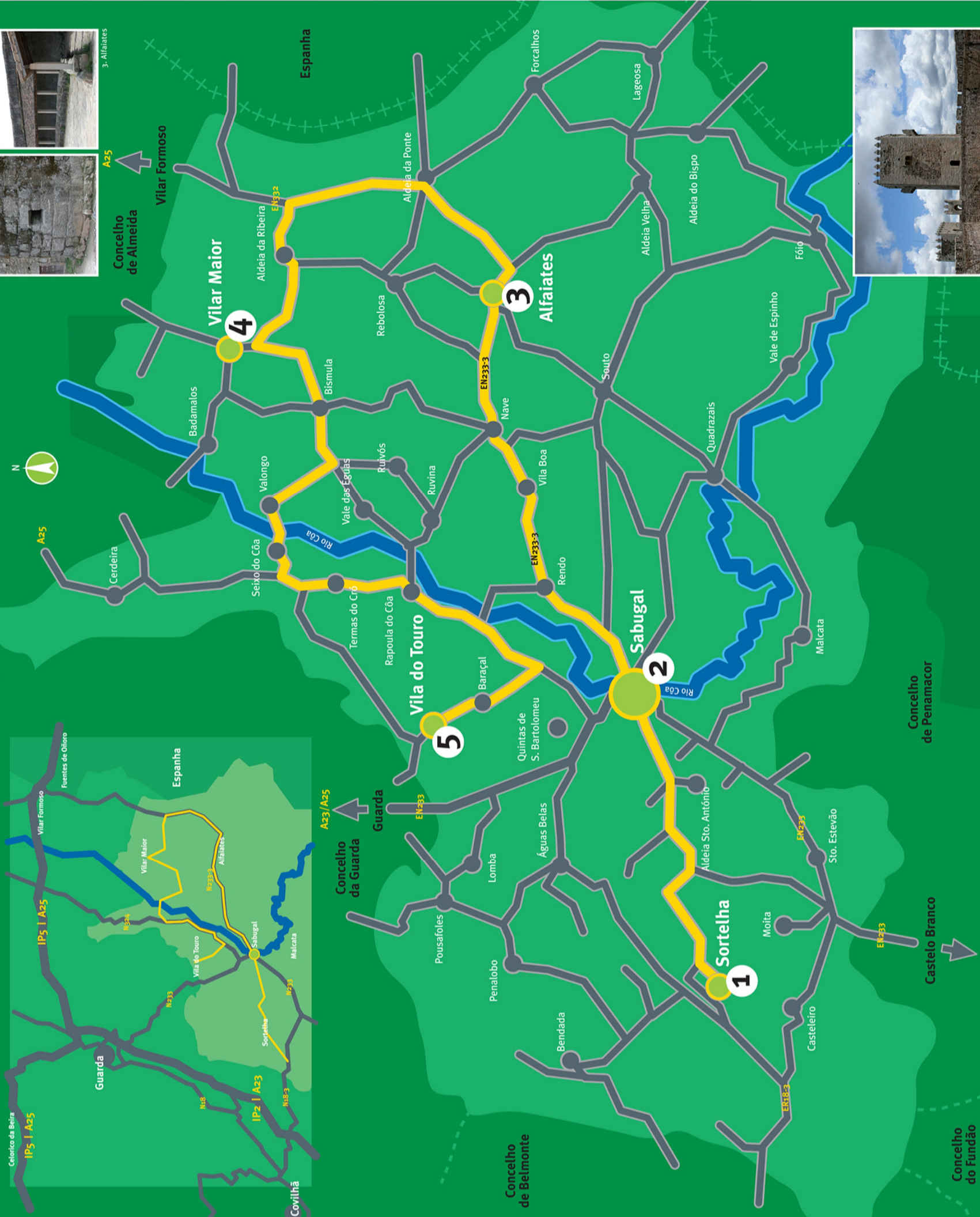
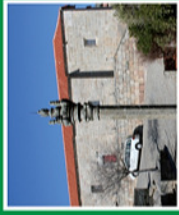
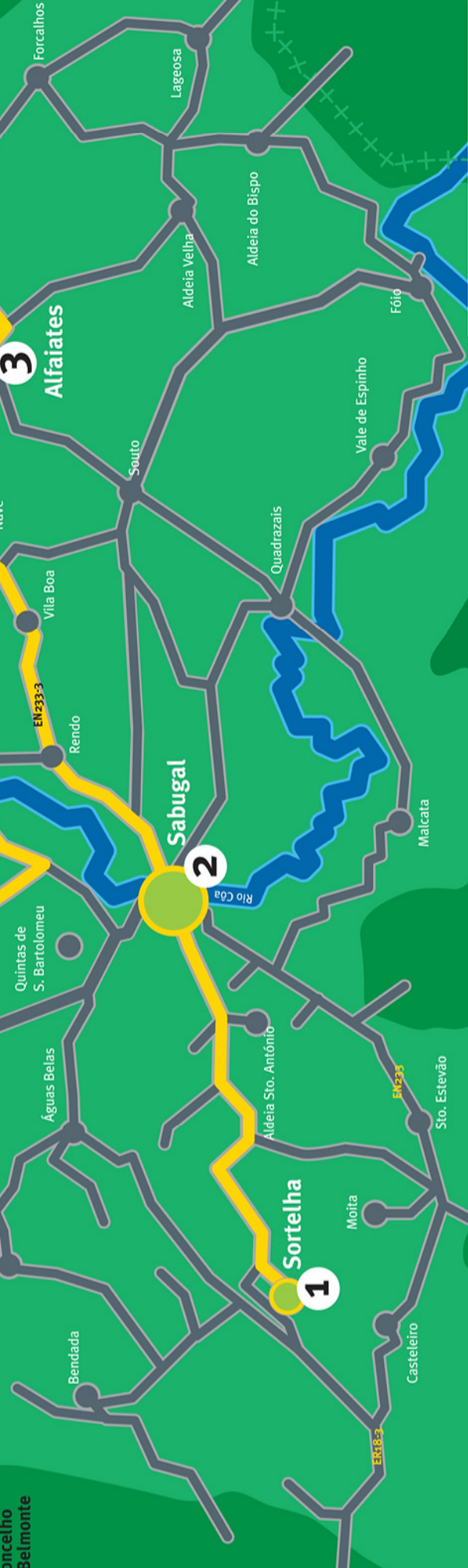
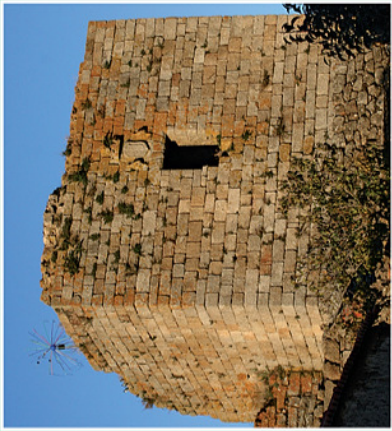
Brás Garcia Mascarenhas, gobernador de esta Plaza-fuerte en 1641-42, proporciona la primera descripción más o menos detallada de las estructuras existentes y de los trabajos realizados. Actualmente se observan los restos de la fortaleza y de la muralla por él edificadas o reconstruidas. A principios del siglo XVIII, hubo un nuevo proyecto para modernizar la fortificación, que quedó sin efecto.

Durante las invasiones francesas de 1811, el castillo desempeñó un papel importante en la defensa de la zona fronteriza. Posteriormente, también el concejo de Alfaiates fue suprimido y el castillo transformado en cementerio. En 1986, se realizaron algunas obras y actualmente se aguarda la puesta en marcha de un proyecto de recuperación más ambicioso. El castillo presenta un doble cordón de murallas,



Restaurantes

Alojamento



T. 271 388 291 M. 933 251 240 / ocelta@sapo.pt
Encerra: 3ª feira exceto época alta
D. Sancho
Largo do Corro 6320-526 Sortelha

pedromscarreira@gmail.com